**O ENSINO DE GRAMÁTICA FUNCIONAL: UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II.**

Luana Járdila dos Santos Estevão (autora)

Graduanda do curso de Letras Língua Portuguêsa da UERN; [luana\_jardila@hotmail.com](mailto:luana_jardila@hotmail.com)

Alana de Souza Rêgo (co-autora)

Graduanda do curso de Letras Língua Portuguêsa da UERN; [alana-sr@hotmail.com](mailto:alana-sr@hotmail.com)

**RESUMO**: Este trabalho se trata de descrições e análises feitas a partir da experiência prática em sala de aula de duas alunas estagiárias da Universidade do estado do Rio Grande do Norte do *campus* de Pau dos Ferros. Colocando em evidência a importância desta fase no processo de formação docente, enfatizamos a importância de aliar as práticas pedagógicas e didáticas do ensino de língua portuguesa para assim, colocar em prática diferentes métodos abordados nas salas de aula da Universidade. A experiência prática aponta para a necessidade de estabelecer uma ponte entre universidade e escola, e principalmente, entre pressupostos e ensinamentos teóricos e práticos para a preparação profissional de licenciatura. Este trabalho enfatiza o ensino de gramática por uma perspectiva funcionalista da língua, bem como a junção destes aspectos com o ensino de lieratura. Para isto, a base teórica desta trabalho é composta principalmente pelas contribuições de Antunes (2007) e Cunha; Oliveira e Martelotta (2015).

Palavras-Chave: Ensino. Estágio. Gramática.

1. **Introdução**

As reflexões sobre o estágio supervisionado II na experiência em sala de aula, no ensino médio, como pré-requisito da disciplina curricular do curso de Letras Língua Portuguesa, e também como um processo fundamental para a formação do professor, em uma possível relação de teoria que se propaga por toda a formação docente e prática inserida em sala de aula, este trabalho tem o propósito de compartilhar experiências adquiridas nesse período.

Serão apresentados na primeira parte, uma exposição do aparato para discussão teórica sob a qual se baseará as análises deste trabalho, em seguida será apresentado resultados das análises que se constituem perante relação teórico-prática, Em uma segunda etapa serão apresentados os relatos das experiências da fase do diagnóstico e regência, descrevendo a metodologia e procedimentos utilizados em sala, conteúdo abordado, assim como práticas de linguagem.

Nosso enfoque se construirá através dos, PCNEM’s (2006), Plano Curricular Nacional para o Ensino Médio, como base dos caminhos que devem seguir a educação, Oliveira (2010), com métodos para proceder com o ensino da gramática funcional, Antunes (2007) com alguns pressupostos do que vem a ser o ensino de gramática, e por fim, Cunha; Oliveira e Martelotta (2015) com discussões com o trabalho de gramática em uma relação de teoria e prática.

1. **O ensino de gramática funcional**

O ensino de gramática numa perspectiva funcional proporciona um estudo mais eficiente e mais didático pautado no que a língua tem de mais comum: as suas variações. Quando falamos em linguagem, consequentemente, estamos falando de uma série de fatores que influenciam diretamente na sua realização, sem falante não há língua, e o que a linguística funcional centrada no uso faz é justamente colocar em evidência todas as diversas formas que a língua pode verdadeiramente, de fato, se modificar.

Ao pensarmos a língua como um mecanismo concreto e dinâmico que é, estamos pensando no seu funcionamento, ou seja, no ato comunicativo, sendo assim, não há como desconsiderar o uso que o falante faz da língua, como bem afirma Cunha; Oliveira; Martelotta (2015, p. 14)

O pólo funcionalista caracteriza-se por conceber a língua como instrumento de comunicação que não pode ser analisado como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical.

É justamente a situação comunicativa que vai interferir diretamente na maneira que o falante fará uso da língua. Se pararmos para observar as diversas maneiras que a língua se manifesta em diferentes situações, em diferentes pessoas e com os diferentes objetivos, perceberemos o quanto a gramática normativa é falha em tentar explicar e regularizar todas as manifestações linguísticas, ela sozinha não dá de conta de como a língua pode, apesar dos desvios, também ser eficiente, pois utilizamos a língua com o objetivo principal de comunicação, e quando mesmo sem nos determos a todas as regras que a gramática normativa impõe, conseguimos nos comunicar com eficiência, isso só comprova ainda mais a prisão a qual podemos nos deter ao tentar monitorar todas as nossas formas de nos comunicar.

A linguagem em sua materialidade social não admite que deixemos de fora aspectos que são considerados exteriores à língua, pois como Antunes (2007, p. 21) afirma, esta “É um ato social, político, histórico, ideológico, que tem consequências, que tem repercussões na vida de todas as pessoas”, ou seja, a língua também reflete uma realidade da qual o falante faz parte, ela carrega características que tornam perceptíveis construções sociais que pertencem ao indivíduo.

Quando os alunos e as alunas percebem que estamos trabalhamos na sala de aula com exemplos que eles estão acostumados a utilizar ao se comunicar, automaticamente, isso chama a atenção e eles e elas se identificam, fazendo com que a distância que se coloca entre o português que é estudado em sala de aula e o português que eles e elas utilizam diminuem significativamente, com um trabalho mais persistente, podemos chegar a levá-los a perceber que não é tão distante assim, mas que é o mesmo português, e frases do tipo “não gosto de português”, “não sei português” e “português é difícil” podem passar a simplesmente não mais existir porque ao assumirmos o papel de professor, nos tornamos responsáveis por boa parte da interpretação que o aluno terá sobre o que é ensinado. Oliveira (2010, p. 43) esclarece bem essa questão:

Ajudar o estudante a aprender a se comportar linguisticamente em diversas situações de interação social é o objetivo principal das aulas de português, que não deveriam ter como foco principal o ensino de gramática normativa por meio da nomenclatura que a descreve de forma inconsistente. Ensina-se português aos brasileiros para ajudá-los a desenvolver sua competência comunicativa.

Quando o ensino de gramática toma como norte uma automatização no ensino baseado e focado em decodificação de nomenclaturas, definições e classificações, o que se tem como resultado é justamente barreiras que são construídas no ensino-aprendizagem de língua portuguesa. O principal objetivo da linguística funcional é de apresentar uma proposta de ensino em que a gramática se aproxima do cotidiano dos alunos e alunas, fazendo com que consigam entender a relação entre teoria e prática, pois na realidade, esse é um dos grandes objetivos do ensino. Pensar num ensino que foca nos diferentes usos que podemos fazer da língua propicia aos alunos e alunas entenderem a linguagem como objeto maleável que está disponível para que o falante possa adaptá-la a diferentes situações, pois como nos afirma Antunes (2007, p. 45) “Todo falante, para ser eficaz, precisa saber, em cada situação, que tipo de vocabulário empregar (vocabulário técnico, especializado, fora do usual, comum, literal, metafórico, coloquial)” e essa capacidade só se tornará possível se houver, por parte do professor, a consciência de se desprender de todo esse enfoque que vem sendo dado ao ensino de uma gramática normativa, prescritiva e descontextualizada que não possibilita ao aluno essa eficácia comunicativa, Oliveira (2010, p. 35) se coloca muito bem ao afirmar que:

Aprender apenas a estrutura gramatical não é condição suficiente para uma pessoa ser capaz de usar a língua [...] precisa não apenas ter conhecimento das regras gramaticais, mas também a habilidade de usar essas regras, adequando-as às situações sociais em que se encontra no momento em que usa a língua.

Os PCNEM’s propõem uma reflexão importante a cerca do ensino de língua eficiente pautado também no extralinguístico, orientando professores a darem maior relevância e reconhecerem a importância de reavaliarem os seus métodos, tendo em vista que é indiscutível que é necessário “que o trabalho com a língua(gem) na escola invista na reflexão sobre os vários conjuntos de normas – gramaticais e sociopragmáticas, sem os quais é impossível atuar de forma bem-sucedida, nas práticas sociais de uso da língua de nossa sociedade." PCNEM (2006, p. 30), ou seja, ensino de gramática e condições extralinguísticas, precisam caminhar juntos para que obtenhamos sucesso no ensino de línguas verdadeiramente ancorado por questões de extrema relevância para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa.

**2.1** **A perspectiva tridimensional do ensino de gramática**

Sabemos que a gramática normativa não é a única que rege a nossa língua, assim como as formas de ensiná-la, não são as mesmas. Se analisarmos a gramática sob uma perspectiva pragmática, podemos relatar uma gramática centrada no uso, formas e estruturas que mudam seus significados a partir do contexto de uso. Mas, não desmerecendo as normas da língua, pensemos gramática numa perspectiva tridimensional, baseando-se em, na primeira dimensão, uma língua cristalizada que não deve sofrer alterações nos diferentes modalidades (fala e escrita), mais voltada para a organização da língua a partir da gramática normativa. Uma outra dimensão é a semântica, que aborda os significados que as diferentes manifestações da língua nos permitem identificar. A terceira e ultima dimensão, já esboçada, a pragmática, diz respeito a uma língua que se adequa as diferentes situações, seria, portanto essa tridimensão linguística, o pilar essencial para o ensino da gramática, que como afirma Oliveira (2010, p. 238):

Uma dimensão está conectada à outra. Para Celce-Murcia e Larsen-Freeman, o professor precisa considerar essas três dimensões sempre que preparar aulas que envolvam o ensino de um ponto gramatical. Isso é útil no processo de identificar o que será mais desafiador para o estudante.

Com isso, despertaríamos nos alunos o reconhecimento espontâneo da forma como a classe gramatical se constitui, que significado é possível extrair dela e quando e onde essa palavra é usada. Isso serviu de ponte para o ensino de gramática funcional, mais especificamente, o ensino dos pronomes e numerais. Apresentar aos alunos três diferentes formas de observar a língua, foi de suma importância, no que diz respeito à identificação de uma língua, por parte dos alunos, que condiz com o que eles realmente fazem uso.

Pensando nisso, efetivou-se o estudo dessas duas classes gramaticais, sendo abordados em mais de uma gramática. Primeiro, uma gramática que não explica todas as manifestações da língua, regida por regras e uma gramática funcional, que aborda as dinamicidades linguísticas, que consegue explicar além da escrita, a fala,não deixando de frisar a importância da utilização da gramática normativa em contextos mais formais da língua e na maioria dos casos da modalidade escrita. Portanto, o estudo dos pronomes se efetivou sob essa relação da língua com sua forma, significado e uso. O objetivo principal foi fazer o aluno refletir sobre o estudo de uma língua próxima e familiarizada, aproximar o máximo, o estudo da língua ao uso que fazem dela.que como reforça os PCNEM (2006, p. 43):

Como no ensino médio os alunos detêm conhecimentos da gramática da língua, a explicitação e a análise das diversas linguagens podem ser feitas por comparação com a estrutura e o funcionamento da língua escrita e falada. Esse conhecimento metalingüístico é valioso quando se deseja desvelar, analisar e ler criticamente o modo específico de que se vale cada campo do saber para codificar e expressar a parcela da cultura mais diretamente relacionada a ele.

A pretensão do ensino de gramática numa perspectiva funcionalista da língua, tem como propósito despertar tal conhecimento, observando a utilização dessa classe gramatical como um exercício comum e cotidiano.

1. **Fase de observações**

O estágio supervisionado II foi realizado em uma escola de rede pública de ensino, de tempo integral que ofertou seis aulas de língua portuguesa por semana em cada turma, além de duas aulas de eletivas que correspondiam a projetos voltados para a disciplina. Além disso, a escola também ofertava vários cursos para os alunos, dentre os cursos de língua, LIBRAS era o curso que mais tinham alunos inscritos. Cerca de noventa por cento da escola sabia, mesmo que o básico, se comunicar através da Libras. A escola tinha apenas dois alunos que utilizavam esta língua como língua primária. E a língua portuguesa como secundária, apenas na modalidade escrita. A escola ainda ofertava uma espécie de recuperação fora de época para todos os alunos, mas era mais voltado para a recuperação dos alunos que tiraram a nota abaixo da média. Portanto, era aplicado um questionário com cerca de vinte questões a cada duas aulas por semana, sobre os respectivos assuntos em que os alunos tiveram dificuldades, que era denominado por nivelamento.

Na fase de diagnóstico, optamos a escolha de observar quatro turmas de segunda série. Os conteúdos programáticos das turmas eram o mesmo. O que se pode notar, ainda da fase de observação, é que um plano de aula nunca tinha o mesmo rendimento em todas as turmas. Diante do que pudemos observar, a professora trabalhou respectivamente o romance indianista *Iracema* de José de Alencar. Em outra oportunidade, a professora trabalhou com os alunos e alunas o assunto do excesso da utilização das redes sociais e alguns vídeos que abordavam o assunto, assim como um artigo de opinião com o mesmo tema, que apresentava o título de *Apocalipse zumbi*. A leitura do artigo de opinião foi feita coletivamente e discutida por todos da turma, sobre considerações a favor ou contra o tema. Outro artigo de opinião foi apresentado aos alunos, só que desta vez sobre o estupro. Na oportunidade, os alunos também fizeram seus apontamentos sobre o tema.

É importante destacar a metodologia da professora no que diz respeito à leitura dos textos em sala de aula. Para que os alunos sempre se envolvessem no assunto abordado, a leitura era feita de forma coletiva. Os alunos se interessavam pelas aulas pela metodologia da professora em sempre procurar dar uma aula diferente. Às vezes as aulas eram expositivas dialogadas, contava com o recurso do *datashow*, sempre envolvendo os alunos nas discussões, outras eram só dialogadas. Em algumas das aulas a professora passava algum filme que tivesse relação com o conteúdo. Foi notória a preferência da professora por não optar pelo livro didático, talvez pelas limitações dos conteúdos abordados. As atividades feitas pelos alunos eram corrigidas oralmente pela professora envolvendo as respostas orais dos alunos.

No nivelamento os alunos tinham que responder questões sobre as possíveis figuras de linguagens existentes dentro do romance indianista *Iracema,* algumas questões sobre as variações linguísticas, entre outros assuntos. O que se pode perceber é que pouco foi abordado em sala de aula sobre a gramática, nem de forma contextualizada. Isso aconteceu pelo curto período de tempo que se passou este período de diagnóstico, portanto, essa tarefa ficou para a fase de regência.

1. **Descrição da regência**

A professora nos deixou a vontade quanto à decisão de utilizarmos o livro didático ou não. Ainda na fase de observação, ela nos apresentou o cronograma de atividades a ser seguido e nos orientou a dar continuidade a sequência dos assuntos que estavam previstos e eram respectivamente, o romance urbano de José de Alencar (optamos pela obra “Senhora”), os pronomes e os numerais. Iniciamos a fase de regência contextualizando a obra historicamente e apresentamos também a biografia do autor, discutimos um pouco sobre as diferenças entre a fase do romantismo anterior ao romance urbano (fase indianista), em seguida distribuímos aos alunos e alunas uma foto da personagem Aurélia sem informá-los antes de quem se tratava, com o intuito de fazê-los perceberem algumas características através da imagem. Logo após, narramos um breve resumo da obra oralmente com uma linguagem bem próxima da comunicação usual. Mostramos, com exemplos, os cinco elementos da narrativa, em que os alunos e alunas puderam perceber as diferenças em cada tipo de narrador e personagem, e analisar tempo, espaço e enredo. Solicitamos, nas aulas seguintes, algumas atividades em grupo que exigiram deles e delas, competência para analisar os cinco elementos da narrativa e de alguns personagens a partir da análise de alguns trechos da obra.

Concomitantemente com a abordagem da obra literária, demos início ao trabalho com a classe gramatical dos pronomes. Optamos por uma abordagem do ensino de gramática por um viés funcionalista e que também frizasse para os alunos e alunas que eles sabem português na tentativa de desmistificar a ideia de que gramática é extremamente difícil e que eles e elas não conseguem aprender. Achamos importante abordar um ensino dos pronomes a partir de uma perspectiva semântica que atenta para questões de significado, formal que diz respeito à estrutura, formação e função dos pronomes, e pela perspectiva pragmática que diz respeito ao uso que fazemos dos pronomes e em quais gêneros textuais alguns pronomes que não são utilizados na fala e na escrita, são encontrados, e por isso a importância de ser abordado em sala de aula. Nos detemos a apresentar como a gramática tradicional define e classifica todos os tipos de pronomes e mostramos o quanto essas regras não abarcam todas as formas que os falantes fazem dessa classe.

Trouxemos exemplos bem característicos e próximos da realidade dos falantes da região Nordeste, dentre eles uma música, assim como também exemplos de outras regiões do país para fazê-los perceberem que as diferentes manifestações dos pronomes não ocorrem somente como a gramática tradicional impõe. Apresentamos também diferentes exemplos em que os alunos e alunas pudessem notar a diferença que ocorre da escrita para a fala, onde a escrita exige de nós uma formalidade maior em detrimento da fala, e que nossa capacidade comunicativa nos permite adequar a linguagem a diferentes contextos, a depender do grau de intimidade e formalidade.

Relacionando o ensino de gramática com os aspectos linguísticos utilizados na obra, retiramos alguns trechos da obra “Senhora” para análises, onde os alunos pudessem notar a diferença dos usos dos pronomes nos textos literários e também da comunicação oral do português da época, em que se pode notar o uso de alguns pronomes que são característicos do gênero literário e identificam a linguagem mais formal e rebuscada como um aspecto peculiar a obra.

Nos últimos dias de regência, demos início ao ensino dos numerais, procuramos um meio de trabalhar essa classe de palavras de uma maneira que fosse mais dinâmica, mas que ao mesmo tempo conseguissem aprender a classificar cada numeral, por se tratar de um assunto que os alunos da segunda série do ensino médio já dominam, tanto na escrita como também na oralidade. Apresentamos os cinco tipos de numerais abordando qual a sua função e alguns exemplos de cada tipo de numeral. Em seguida realizamos uma atividade na qual colocamos algumas fichas com alguns substantivos escritos e confeccionamos um dado com um tipo de numeral em cada lado. Os alunos e alunas teriam que criar uma história coerente e coesa. Cada um jogava o dado e teria que relacionar um exemplo de numeral do tipo que tivesse tirado no dado com o substantivo que tivesse retirado no saquinho que levamos. Contamos com a participação de todos e todas nessa atividade dinâmica, os alunos e alunas, juntamente com a professora e nós estagiárias, criamos uma história engraçada e os alunos e alunas conseguiram identificar, com êxito, cada tipo de numeral.

1. **Considerações finais**

Além de uma apresentação dos estudos gramaticais de forma menos tradicional possível, os alunos e alunas já haviam estudado um pouco da língua nessa perspectiva funcional, com o estudo das variações linguísticas. Foi notória uma aceitação maior dos estudos de língua portuguesa, que teve maior excelência pela metodologia como seriam abordados tais assuntos, procurando adequar às aulas a maneira mais dinâmica possível. É gratificante observar o objetivo sendo consumado, quando vemos que a intenção em abordar uma língua dinâmica, é perfeitamente absorvida e identificada por parte dos alunos. Enxergar o estudo de língua portuguesa como uma língua familiarizada, a qual os alunos fazem uso a todo instante, foi de suma importância para aprimorar o uso da língua. No entanto, a aula quando tomada nortes menos dinâmicos, poucos alunos e alunas se esforçavam para aprender, desta forma, com aulas mais diversificadas, tentamos ao máximo despertar o interesse dos alunos e alunas.

A importância do estudo da gramática normativa e a utilização desta em contextos mais formais de uso, apesar do pouco tempo, os alunos e alunas produziram textos para vermos como caminha a produção de texto das turmas. Pudemos observar, contudo, uma dificuldade dos alunos em produzir textos. Muitas dúvidas cercam os alunos quando se fala em produção textual. A leitura aliada a prática, seria, portanto, um ponto essencial para a resolução deste problema.

**Referências**

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

OLIVEIRA, Luciana Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Linguística Funcional**: Teoria e Prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **PCNEM**: Orientações curriculares para o ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.